

Este número da revista *Nação e Defesa* tem por base os textos elaborados pelos conferencistas convidados para o seminário internacional “A Ameaça Terrorista e a Segurança Europeia”, organizado pelo IDN em 29 de fevereiro de 2016, a que se adicionaram contributos de especialistas no estudo do fenómeno terrorista.

Como bem sabemos, o atual contexto internacional é caracterizado por um importante conjunto de desafios. Os acontecimentos dos últimos tempos vieram reafirmar o terrorismo transnacional com uma das mais sérias ameaças à segurança internacional e ao modo de vida das sociedades democráticas.

A ação do autoproclamado ‘Estado Islâmico’ marcada, por um lado, pela violência extrema, controlo e expansão territorial no Médio Oriente e, por outro, por um carácter pan-islamista global, que ultrapassa as fronteiras da região e chega, designadamente, ao centro da Europa, configura uma nova ameaça que exige respostas complexas na sua prevenção e combate.

O terrorismo não é um fenómeno novo. O que muda são os objetivos, métodos e meios utilizados e, nesse sentido, o seu impacto estratégico.

O terrorismo transnacional, que os atentados de Paris de 13 de novembro de 2015 tão tragicamente voltaram a evidenciar, ilustra bem esta mudança. O objetivo é provocar alterações no quadro de valores e no modo de vida das sociedades democráticas e fomentar o terror e o medo, através da utilização de violência em larga escala e potencial capacidade de atuação a nível global.

Os métodos passam pela utilização de redes de contactos transnacionais, muitas vezes em associação com a criminalidade organizada, e pelo recrutamento de ‘*foreign fighters*’, designadamente jovens, radicalizados num contexto de desintegração social nas sociedades ocidentais.

Finalmente, também os meios demonstram mudanças. Depois da utilização de aeronaves civis nos atentados de 11 de Setembro de 2001, aproveitando meios do país-alvo confrontamo-nos com a ação de bombistas-suicidas, explosões e utilização de armamento acessível através do recurso a redes criminosas.

A isto acresce o aproveitamento das novas tecnologias de informação e comunicação, a dois níveis: por um lado, através da propaganda e mediatização das ações realizadas, atuando na vertente psicológica de difusão do terror e do medo; por outro lado, através da utilização das redes sociais como meio de comunicação entre operacionais e instrumento de doutrinação, radicalização e recrutamento.

Face a este cenário, fica claro que nenhum país está imune a esta ameaça global e que a sua prevenção e combate exige cooperação internacional reforçada, serviços

---

1 Adaptação da comunicação do diretor do IDN na sessão de abertura do seminário internacional “A Ameaça Terrorista e a Segurança Europeia” organizado pelo IDN em 29 de fevereiro de 2016.

de informações eficazes – essenciais para prevenir atentados terroristas – e o emprego de estratégias de resposta integradas, quer pelos Estados quer pelas organizações internacionais.

O combate ao terrorismo não se esgota no isolamento e desarticulação de redes terroristas e na destruição da sua capacidade criminosa, ou seja, na frente militar. Ele requer, também, uma política de cooperação internacional multifacetada, capaz de combater eficazmente o subdesenvolvimento, a ausência de Estado de Direito e de boa governação, que são os contextos em que germinam e se desenvolvem muitas lógicas terroristas. Isto exige estratégias integradas, que combinem ações diplomáticas, militares e policiais, com ações de informação pública e de natureza económica, financeira e social.

Da mesma forma, apenas através destas estratégias integradas será possível contribuir para uma solução duradoura dos conflitos e tensões regionais, que persistem em várias zonas do globo, e que alimentam a narrativa de radicalização em que assenta o terrorismo transnacional. O conflito na Síria é disso exemplo.

Falar de terrorismo transnacional é também falar de um importante dilema que está sempre presente nas sociedades democráticas, quando se equacionam as estratégias de prevenção e combate ao terrorismo: falo do equilíbrio entre a defesa e manutenção do quadro de princípios e valores que regulam as democracias e a necessidade de garantir a segurança das sociedades. É que o objetivo deste terrorismo é fazer-nos negar os nossos próprios valores.

Num momento em que se debate a importância da segurança e o seu equilíbrio com direitos, liberdades e garantias conquistados, importa que todos os cidadãos disponham de informação qualificada que alimente a reflexão. É este o objetivo do Instituto da Defesa Nacional, ao organizar este seminário.

Esta *Nação e Defesa* começa com o contributo de Vasco Rato, que traça a evolução ideológica do ‘Estado Islâmico’, desde as suas origens. Destaque particular é dado às divergências teóricas que levaram à rotura entre a Al-Qaeda e o ‘Estado Islâmico’, e que conduziram à emergência deste como um rival da organização liderada por Osama bin Laden e Ayman al-Zawahiri.

Bruno Reis analisa o conceito de terrorismo transnacional, procurando precisar a natureza da ameaça híbrida – terrorista, mas não só – representada pelo autoproclamado ‘Estado Islâmico’ ou Daesh. Aborda o papel da NATO no combate a este tipo de fenómeno, nomeadamente na vizinha Líbia. Defende que o terrorismo transnacional pode ter um impacto regional e global altamente desestabilizador que não deve ser exagerado mas que também não pode ser ignorado – sobretudo quando associado a uma organização numerosa e bem estruturada, com objetivos revisionistas claros, e na disposição de usar todo o tipo de meios violentos para os alcançar, como o Daesh, o que constitui uma ameaça vital ao flanco sul da NATO bem como a uma ampla zona da sua vizinhança.

Nuno Lemos Pires argumenta que a força das ideologias e religiões é muito mais forte quando o quadro de referência onde se vive se deteriora e não representa quem o habita. Tem de se encontrar, por isso, formas muito concretas de contra-argumentar sobre as ideologias que alimentam o terrorismo e, simultaneamente, entender os principais fatores que afetam os sistemas de valores em que muitos se deixaram de rever.

Fernando Reinares alerta para a extensão e intensidade dos processos de radicalização e recrutamento no seio das sociedades europeias, advogando uma cooperação mais estreita com os países do Magreb e da África Ocidental no combate ao grupos terroristas como a Al-Qaeda e seus associados bem como à derrota do 'Estado Islâmico' através de uma maior determinação da coligação internacional.

Jean-François Blarel enquadra o perigo das ações do Daesh na Europa e descreve a estratégia francesa para a luta contra o terrorismo e a segurança europeia.

José Manuel Duarte da Costa enquadra o fenómeno terrorista num quadro sócio-cultural interno dos Estados europeus e descreve algumas das medidas que tanto a União Europeia como Portugal têm e poderão vir a ter de implementar.

A seção extra-dossiê conta com a comunicação de José Cutileiro sobre a NATO em 2016, proferida no III Seminário Internacional de Segurança Transatlântica, realizado em 12 de abril de 2016 no Instituto da Defesa Nacional.

O segundo artigo, da autoria de Jorge Silva Paulo, analisa as relações entre economia e segurança nas dimensões pública e privada, descrevendo o debate existente entre a privatização ou não da segurança e da defesa por parte dos Estados.

Por fim Maria João Martins e Fernando Vicente Freire analisam as futuras aplicações dos metamateriais, uma tecnologia emergente que permite antever um grande impacto na segurança e defesa e na economia.